

## **Trajatória do telejornalista potiguar: memória e história dos primeiros profissionais a atuarem na TV Cabugi<sup>1</sup>**

Robson Trigueiro de Almeida<sup>2</sup>  
Valquíria Aparecida Passos Kneipp<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

**RESUMO:** Esta pesquisa visa mapear a trajetória de formação do telejornalista potiguar, mais precisamente a trajetória dos telejornalistas que trabalharam no início da TV Cabugi, na década de 1980. Por meio de entrevistas gravadas com o auxílio de um smartphone, resgatamos a memória e a história dos telejornalistas utilizando conceito de “História Oral” (Meihy, 2002). Entendendo a importância do Padrão Globo na formação dos profissionais da TV Cabugi.

**PALAVRAS-CHAVE:** telejornalista; televisão; memória; história; TV Cabugi.

### **INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa pretende traçar a trajetória de formação do telejornalista potiguar, mais precisamente, a trajetória de formação dos telejornalista que atuaram na fundação da TV Cabugi, na busca de entender como se deu sua formação profissional na emissora de televisão. Para isso, vamos, em primeira instância, traçar um apanhado histórico do início da televisão no Brasil e no estado do Rio Grande do Norte.

A primeira emissora de Televisão foi implantada em 1950 no Brasil, exatamente na cidade de São Paulo, implantada por Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. A primeira emissora brasileira era conhecida como TV Tupi (chamada inicialmente de PRF 3). O país foi o quarto do mundo a receber essa mídia e o primeiro da América do Sul, mesmo com as pesquisas iniciais apontando uma possível inviabilidade do projeto (Kneipp; Silva, 2017, p. 28). Apesar do pioneirismo na implantação da televisão na América do Sul, essa nova mídia enfrentou desafios para estabelecer emissoras com produção local em diversos estados, devido a dimensão do Brasil.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Jornalismo Audiovisual, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo do Decom - UFRN, email: [robson.trigueiro.709@ufrn.edu.br](mailto:robson.trigueiro.709@ufrn.edu.br)

<sup>3</sup> Professora do Curso de Jornalismo do Decom - UFRN, email: [valquiria.kneipp@ufrn.br](mailto:valquiria.kneipp@ufrn.br)

Após 22 anos da implantação da primeira emissora de televisão no Brasil, o estado do Rio Grande do Norte, em 1972, recebeu a sua primeira emissora. A TVU (TV Universitária), como é popularmente chamada, foi fundada com a proposta de exibir conteúdo educativo (tele aulas), atendendo ao projeto Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares (SACI) para ensino a distância nas redes de ensino básico. Ela é conhecida como uma das mais antigas tevês educativas do país, atrás da TV Universitária de Pernambuco. Hoje, a TVU exibe programação jornalística e cultural, além de ser repetidora da TV Cultura (Kneipp; Silva, 2017, p. 28 - 29). Evidenciando sempre sua natureza pública, ela foi a única tevê do estado por 15 anos.

Um processo moroso se estabeleceu na consolidação da televisão no estado do RN. Após longos 15 anos de pioneirismo da TVU, surge em 1987, a TV Ponta Negra, primeira emissora de televisão comercial do estado, fundada por Carlos Alberto de Sousa, então senador. A TV Ponta Negra é um marco que colocou o estado no cenário nacional e os potiguares começaram a se ver na tela através dos telejornais (Kneipp; Silva, 2017, p. 29).

No mesmo ano em que foi fundada a TV Ponta Negra, surge em Natal, a TV Cabugi, inaugurada em 1º de setembro de 1987 pelos irmãos e políticos potiguares Agnelo e Aluizio Alves. Santos e Holanda (2017, p. 173) acrescentam: “Dessa forma, os canais das retransmissoras em Natal e em Mossoró passaram a produzir e exibir conteúdo próprios, como já fazia a TV Universitária desde 1982”. A partir desse ponto, podemos observar o surgimento da identidade televisiva do estado do Rio Grande do Norte. Em 2006, a TV Cabugi foi vendida para o grupo Inter TV, também filiado a TV Globo, com sede em Cabo Frio, Rio de Janeiro. Desde então, passou a ser chamada de Inter TV Cabugi (Santos; Holanda, 2017, p. 173 e 174).

Vamos nos deter, nesta pesquisa, a fundação da TV Cabugi em 1987, buscando resgatar a memória dos telejornalista que trabalharam no início da emissora. O resgate dessa memória é essencial para o entendimento de quem foram os telejornalistas tanto de maneira individual, quanto coletiva (Le Goff, 2012, p. 435). Le Goff (2013, p. 437) ainda acrescenta: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. Estamos assim, resgatando essas memórias do apagamento histórico.

Le Goff (2013, p. 387), conceitua a memória como “[...] propriedade de conservar certas informações, remetemos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele

representa como passadas”. A memória é indispensável nesta pesquisa, mas temos que sempre estar atentos ao que afirma Santos e Holanda (2017, p. 174): “Os relatos aqui apresentados são tomados como fontes para compreensão do passado, como recomendam Ribeiro e Herschmann (2008, p. 20), e não como índices absolutos de uma verdade histórica.”

Por se tratar de um campo pouco explorado, com a pesquisa, buscamos conseguir material histórico para entender a trajetória dos telejornalistas que estiveram presentes no início da TV Cabugi, além de entender as características e nuances de seu tempo, sempre relacionadas ao fazer jornalístico nas redações dos telejornais.

## **METODOLOGIA**

Para compor a elaboração da metodologia da pesquisa, utilizamos o conceito de “História Oral” apresentado por Meihy (2002, p. 14). Ele afirma: “História oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em textos escritos”. (Nesta pesquisa foi utilizado o smartphone para a captação).

A memória e história mantém um vínculo valioso, Meihy (2002, p. 53) declara: “Memória, imaginação e representação são bases que sustentam qualquer narrativa sobre o passado e o presente”. Os dados colhidos, por se tratarem também de imaginação e representação, carecem de verdades absolutas, não podendo ser usados com tal, pois são meios para compreensão do passado. Devemos observar que o uso da história oral não é aplicado em toda e qualquer entrevista, modernamente ela só é considerada se decorrente de um projeto que conheça sua intenção, determine os procedimentos e a devolução pública dos resultados, geralmente atrelados a produções acadêmicas como essa (Meihy, 2002, p. 89).

Definiremos então o que é entrevista no âmbito deste trabalho e traremos para contextualizar o conceito exposto por Duarte (2005, p. 62): “[entrevista] é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.” Informações essas que tratam do resgate da história e memória dos telejornalista que trabalharam na gênese da TV Cabugi (atual Inter TV Cabugi).

As entrevistas foram realizadas com o apoio de um roteiro padronizado, empregado a todos os telejornalistas entrevistados. Buscamos com isso, estabelecer uma

uniformidade para a aplicação de comparações entre as respostas, diversificando, cruzando dados ou localizando possíveis incongruências nas respostas obtidas, para mais precisão no mapeamento do nosso objeto (Duarte, 2005, p. 67).

Para a análise dos resultados utilizaremos a técnica descrita por Duarte (2005, p. 79):

Categories são estruturas analíticas construídas pelo pesquisador que reúnem e organizam o conjunto de informações obtidas a partir do fracionamento e da classificação de temas autônomos, mas inter-relacionados. Em cada categoria, o pesquisador aborda um determinado conjunto de respostas dos entrevistados, descrevendo, analisando, referindo à teoria, citando frases colhidas durante as entrevistas e a tornando um conjunto ao mesmo tempo autônomo e articulado.

Os dados não serão meramente reproduzidos como fontes históricas, mas serão alvos de interpretação pelo pesquisador, Duarte (2005, 62-63) argumenta que: “Desta maneira, como na análise de Demo (2001, p.10) sobre pesquisa qualitativa, os dados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade”. No percurso das descobertas e análises, as perguntas nos auxiliarão a aprofundar, compreender o passado, analisar e discutir os resultados obtidos (Duarte, 2005, p. 63).

## RESULTADOS

Para compor a análise dos resultados para este resumo expandido, dispomos de duas entrevistas com telejornalistas que atuaram nos primórdios da TV Cabugi no RN. Eles foram nomeados de entrevistados A e B, respeitando as normas do comitê de ética da UFRN (Parecer: 5.736.459 de 03/11/2022) que não permite a nomeação direta de participantes em pesquisas realizadas pela universidade.

Na busca de entender como se deu a trajetória de formação dos telejornalistas que participaram no início da TV Cabugi, voltaremos ao tempo em que não existia a emissora no RN, sendo assim a responsável pela retransmissão no estado era a TV Globo Nordeste, sediada em Recife, Pernambuco. Observaremos o seu papel na organização do jornalismo local.

O entrevistado A (Informação verbal), foi contratado para ser correspondente na emissora, ainda na década de 80, “Em 1985, eu fui convidado para ser o repórter da Rede Globo Nordeste.” Por mais que Natal contasse com um correspondente próprio, o estado só era pautado no jornal se acontecesse algo marcante, a entrevistada B traz mais detalhes sobre essa dinâmica: “Na Globo, passava o NETV que era um jornal feito pela Globo Recife. Eventualmente, eles chamavam o correspondente, se acontecesse alguma tragédia ele cobria e mandava a matéria.”

Em 1987, Alúcio Alves conseguiu a concessão da TV Cabugi, dando início ao processo de estruturação da emissora. Antonio Melo foi contratado para ser diretor de jornalismo, o entrevistado A, então correspondente da TV Globo Nordeste, foi chamado para ser chefe de redação da emissora (entrevistada B, informação verbal).

Alguns jornalistas foram convidados para trabalhar na televisão, mas também existiu um processo seletivo para repórteres, a entrevistada B descreve: “Na época começaram a selecionar pessoas, eu entrei para televisão porque eu vi um anúncio na Tribuna do Norte selecionando jornalistas. Eles fizeram uma prova, selecionaram várias pessoas, e eram 7 vagas de reportagem” (Informação Verbal). Quem encabeçava essa seleção era o nosso entrevistado A: “Eu fui exatamente montar a redação. Fui fazer seleção de repórteres, fui fazer um pouco da formação desses repórteres, depois definir a função de cada um e começar a produzir.” (Informação verbal)

Depois da seleção dos repórteres, começou um treinamento de preparação. Houve a ministração de minicursos lecionados pelo entrevistado A, na segunda parte da preparação ele acrescenta os detalhes: “Trouxemos pessoas da Globo Recife, a diretora Lera Ferraz, Francisco José, que era o principal nome do jornalismo em Pernambuco, Francisco José, além do chefe de redação e o chefe de reportagem para fazer palestras e passar mais um pouco do padrão Globo” (Informação verbal).

Após essas duas fases de treinamento, vieram para Natal dois editores da Central Globo de jornalismo, eles ficaram na cidade durante dois meses auxiliando os jornalistas da emissora (entrevistada B). O entrevistado A relata: “[eles] tinham bastante experiência, e dominavam o padrão Globo, vieram aqui não apenas verbalmente, mas trazendo, literalmente, o caderno de instruções do Padrão Globo de jornalismo” (Informação verbal). Existia um manual de redação para o estabelecimento do padrão Globo. Era um caderno A4, com todas as orientações para o repórter para edição de texto (entrevistado A, informação verbal).

Então terminado o treinamento e definidas as funções, se estabeleceu a estrutura das redações dos telejornais da TV Cabugi. Existia nas funções da época o diretor de jornalismo, responsável pela atividade jornalística de toda a emissora, o diretor de redação, além dos editores dos telejornais da grade, como Bom Dia RN, RNTV 1ª e 2ª edição, e seus subeditores de esporte, bem como os respectivos repórteres de cada telejornal. O quadro de funcionários da emissora girava em torno de 35 profissionais somente do jornalismo, de acordo com o entrevistado A.

Na equipe de produção de reportagens, a entrevistada B relata: “Eram quatro pessoas na equipe, tinha motorista, que era o iluminador, tinha o operador de VT, porque eram câmeras bem grandes, o cinegrafista e o repórter” (entrevistada B, informação verbal). Uma equipe muito maior relacionada ao que temos atualmente. A partir da memória e história desses profissionais, podemos nos situar no surgimento da primeira equipe de telejornalismo da TV Cabugi.

## CONCLUSÃO

Através da “História Oral” proposta por Meihy (2002), e utilizando como método as entrevistas gravadas, podemos observar que a gênese da trajetória do telejornalista na TV Cabugi, parte da TV Globo Nordeste. O primeiro chefe de redação, foi correspondente dessa televisão por anos. Ele foi um dos principais nomes do processo que definiu a primeira equipe da TV Cabugi.

Após a concessão da emissora, deu-se início ao processo de seleção e treinamento dos repórteres. O ponto chave desse processo foi o treinamento com diversos profissionais da TV Globo Nordeste e da central de jornalismo Globo. Esse treinamento foi essencial para se estabelecer no RN o Padrão Globo de jornalismo, além de marcar um diferencial na trajetória desses telejornalista.

Tudo isso contribuiu para uma formação mais sólida e completa por parte dos profissionais da TV Cabugi. A influência do Padrão Globo exigiu desses profissionais uma adaptação, já que muitos vieram do impresso e de outras tevês como a TVU, que tinha um padrão de jornalismo próprio, não compatível com o da TV Globo.

## REFERÊNCIAS

A. Entrevistado. **Entrevista** realizada por Valquíria Kneipp em Natal no dia 07 de março de 2023.

B. Entrevistado. **Entrevista** realizada por Valquíria Kneipp em Natal no dia 27 de maio de 2023.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas SA, 2005. p. 62 - 79.

KNEIPP, Valquíria; SILVA, Luciana. A Trajetória da Televisão no RN: Um “estado da arte” ou “do conhecimento”. *In*: KNEIPP, Valquíria. **Trajetória da Televisão no Rio Grande do Norte: A Fase Analógica**. Natal: EDUFRN, 2017. p. 28 - 29. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/24528/1/Trajetoria da TV no RN a fase analogica.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/24528/1/Trajetoria%20da%20TV%20no%20RN%20a%20fase%20analogica.pdf). Acessado em: 17 abril 2025.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SANTOS, Alisson; HOLANDA, Juliana. Das retransmissoras à TV Cabugi: os primeiros anos da Rede Globo no Rio Grande do Norte. *In*: KNEIPP, Valquíria. **Trajetória da Televisão no Rio Grande do Norte: A Fase Analógica**. Natal: EDUFRN, 2017. p. 173 - 174. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/24528/1/Trajetoria da TV no RN a fase analogica.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/24528/1/Trajetoria%20da%20TV%20no%20RN%20a%20fase%20analogica.pdf). Acessado em: 17 abril 2025.